

## **NÃO MISTURAR, NÃO CONTAMINAR: AS PRESCRIÇÕES DE 4QMMT LIMITES E IDENTIDADE SOCIAL DOS MEMBROS DE QUMRAN\***

Elisa Rodrigues\*\*

### **RESUMO**

O documento 4QMMT compõe o conjunto dos Manuscritos do Mar Morto. Trata-se de uma carta que contém vinte e duas leis religiosas que visavam à regulação do comportamento religioso e social do grupo de Qumran. Este artigo pretende verificar de que forma os autores e a audiência desse material articularam e re-interpretaram os conteúdos da Lei.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carta Haláquica (4QMMT), judaísmo do Segundo Templo, Qumran, puro e impuro.

### **ABSTRACT**

The 4QMMT document composes the set of the Manuscripts of the Dead Sea. It treats about a letter which contains twenty two religious laws aimed at to the regulation of the religious and social behavior of the Qumran group. This article intends to verify what forms the authors and the hearers of this material had articulated and re-interpreted the contents of the Law.

**KEYWORDS:** Halakhic Letter (4QMMT), Second Temple Judaism, Qumran, pure and impure.

---

\* Este artigo foi desenvolvido no âmbito dos estudos apresentados e discutidos no grupo de pesquisa *Oracula* (2º semestre de 2005) e compõe parte da minha pesquisa doutoral em andamento.

\*\* Mestre e Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã.

## INTRODUÇÃO

O documento conhecido como 4QMMT – *Miqsat Ma'aseh ha-Tora – Algumas Regras Relativas à Torá*, foi publicado em *Discoveries in the Judaean Desert* (1994), e seus editores críticos foram Quinrom e Strugnell. 4QMMT<sup>1</sup> também é conhecido como carta haláquica, pois contém vinte e duas leis religiosas (*halabot*). Trata-se de um documento básico da seita de Qumran que, segundo alguns estudiosos, possui valor prescritivo para a comunidade.

A carta evidencia o radicalismo de alguns judeus na preservação e no cumprimento da Lei e deste modo, justifica o comportamento de sectarismo atribuído ao grupo de Qumran. Strugnell confirmou essa declaração e admitiu que 4QMMT é uma fonte para se compreender o grupo de Qumran. Apesar de o documento conter rígidas regulações para a vida sexual, não trata apenas desse assunto, mas, especialmente, das questões relacionadas à pureza.

Neste ensaio, discutiremos alguns pontos de vista sobre 4QCarta Haláquica (estratos 4Q396 e 4Q397) à luz das pesquisas disponíveis na bibliografia especializada e, amparados pela abordagem antropológica de Mary Douglas, que discute criticamente os conceitos de pureza e impureza entre grupos primitivos, procederemos à exegese dos textos.<sup>2</sup>

### 1. A CENTRALIDADE DE 4QMMT NO CONJUNTO LITERÁRIO DE QUMRAN

Desde sua publicação, o material de 4QMMT tem recebido vasto tratamento entre os acadêmicos do exterior. O interesse, em parte, pode ser explicado em função da riqueza de informações que o documento coleciona. Em 1996, os estudiosos John Kampen e Moshe J. Berstein editaram a obra *Reading 4QMMT: New Perspectives on Qumran Law and History*, que compreende os ensaios de, entre outros, Elisha Qimron, Florentino Garcia Martinez, Hanan Eshel e Lawrence H. Schiffman<sup>3</sup>. Os ensaios apresentados nesta coleção versam sobre a natureza do texto reconstruído de 4QMMT, as interpretações da Torá que aparecem no documento, o contexto sócio-político provável da formação do texto, o grupo de Qumran e seus autores.

---

<sup>1</sup> 4Q significa caverna 4 de Qumran. Cf. SCHIFFMAN, Lawrence H. As origens saducéias da seita dos manuscritos do Mar Morto. In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto. Uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 43.

<sup>2</sup> Neste texto, a noção de “grupos primitivos” não tem conotação pejorativa. Entendemos que as religiões primitivas são constituídas de complexos simbólicos e esquemas cognitivos abstratos que fazem uso das categorias lógicas do entendimento e que, portanto, denunciam sofisticação e criatividade. Ao contrário da distinção entre primitivos (pré-lógicos) e civilizados (desenvolvidos) protagonizada por Lévi-Bhrul, entendemos, a partir de Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem*, que os primitivos executam operações mentais com esquemas cognitivos comuns a toda humanidade.

<sup>3</sup> KAMPEN, John & BERNSTEIN, Moshe J. (eds.). *Reading 4QMMT: new perspectives on Qumran law and history*. Atlanta: Scholars, 1996 (SBL Symposium Series 2), pp. xii + 169.

Segundo estes estudiosos, 4QMMT é o mais importante documento encontrado, capaz de lançar muitas luzes sobre Qumran. Isto, especialmente, em função das questões de interpretação da Lei, da exposição do autor do texto, do grupo que copiou e preservou o documento e da preocupação quanto à obediência de seu grupo aos preceitos contidos no texto.

Em seu ensaio, Schiffman argumentou que o propósito de 4QMMT é fornecer razões legais para a fundação da seita de Qumran e que a *halakhab* expressa em 4QMMT, o Rolo do Templo e o Documento de Damasco faz parte da tradição saducéia também refletida, posteriormente, nos materiais rabínicos. Entretanto, ele distingue os primeiros oficiais saduceus asmoneus refletidos nestes textos de Qumran daqueles sacerdotes helenizados descritos por Josefo. Neste ponto, a hipótese de Schiffman se distancia da maioria dos outros pesquisadores (Qimron, Eshel, Garcia Martinez, Bernstein e Kampen).

Schwartz e Elman se aproximam de 4QMMT concedendo mais relevância ao estudo dos fariseus. Eles concluíram que 4QMMT expressa três grupos de judeus no primeiro período asmoneu: (1) o grupo dos escritores (Schwartz identifica esse grupo como os essênios de Qumran); (2) o grupo dos destinatários (o grupo de poder no Templo, identificado como os asmoneus e seu partido farisaico); (3) a “multidão das pessoas” (o grupo de pecaminosos de quem o grupo dos escritores se separou). Essa abordagem causa mudanças na visão freqüente, não com relação à identidade do grupo de Qumran, mas, especialmente, com respeito ao grupo que controlava o Templo durante o período asmoneu.

A partir de tais discussões, percebemos que a *halakhab* tem como característica marcante a observância dos preceitos que orientam a vida do grupo qumrânico. “As passagens da literatura de Qumran exibem amplo desenvolvimento da Lei Bíblica: seus autores interpretam ordens bíblicas ocultas, harmonizam versos contraditórios e mesmo introduzem halakhot não encontrados no Pentateuco”<sup>4</sup>. A interpretação das leis de Moisés, por conseguinte, indica a relevância dos preceitos da tradição judaica para o grupo qumrânico na condução e manutenção do dia-a-dia. Essas leis eram re-vitalizadas à luz da experiência religiosa do grupo e, neste sentido, eram submetidas à atualização que lhes conferia sentido próprio, de modo autônomo. Depois de reformuladas, as leis constituíam um tipo de material que exigia para si a autoridade profética; toda a composição haláquica, portanto, “abraçava” uma relação divina.

---

<sup>4</sup> Cf. SHEMESH, Aharon & WERMAN, Cana. Halakhah at Qumran: genre and authority. In: *Dead Sea Discoveries* 10.1 (2003): 104-105.

Isto, contudo, não nos indica que a natureza precisa desta revelação possuísse uniformidade. O corpo do texto é constituído de várias formas que se entrelaçam e dão tom de carta pessoal ao documento. Embora a carta lembre o gênero apocalipse<sup>5</sup> – a literatura de Enoque e dos Jubileus exemplifica esta categoria<sup>6</sup> – a pesquisa, de um modo geral, concorda que se trata de uma expressão literária que toma como padrão a revelação sinaítica<sup>7</sup>. Essa pode ser uma estratégia do autor para que o documento fosse respaldado pela autoridade divina. Além disso, podemos tomar por evidência o próprio Apocalipse de João que, posteriormente, atribuiu o *status* de revelação à carta que escreveu.

Os autores insistem em que nenhum gênero haláquico em Qumran que re-lê o Pentateuco ou faz exegese da Torá explica a derivação de sua *halakhab*. Entretanto “o Documento de Damasco e o 4QMMT contêm instâncias nas quais leis bíblicas são acompanhadas por referências exegéticas usadas para sustentar o ponto de vista sectarista. Neste caso, o Documento de Damasco é um singular exemplo em que encontramos explícita dialética haláquica”<sup>8</sup>, assim como o 4QMMT. Neste documento, a ética ascética do grupo de Qumran, sustentada pela maioria dos pesquisadores, evidencia-se nas oposições: fornicação *versus* puro (íntegro), não misturar (duas matérias e espécies) *versus* santo (separado); traição, violência, abominação (o que detestável) *versus* separação e abstinência; os de fora *versus* os de dentro.

Tais expressões configuram um quadro de referências culturais típico de sociedades cujo *ethos* se funda a partir do estabelecimento e da organização das noções de pureza e impureza, de separação e de integridade, de obediência e de salvação. Essa declaração se sustenta não apenas a partir de 4QMMT, mas no conjunto de textos atribuídos ao grupo de Qumran e na pseudoepigrafia. A leitura do Livro dos Jubileus (23) mostra que a revelação sobre o futuro aparece na seita de Qumran no período do segundo Templo. É provável que seja uma revelação sinaítica de composição apocalíptica independente que explica como a vida humana

---

<sup>5</sup> Duas visões apocalípticas, o “Apocalipse dos Animais” em 1 Enoque, e Jubileus 23, fornecem de modo considerável uma possível interpretação como referência à fundação da seita. Cf KISTER, M. “The Animal Apocalypse” e “Concerning the history of the Essenes” (Hebrew), *Tarbiz* 56 (1986): 1-15.

<sup>6</sup> Tanto Enoque quanto Jubileus retratam de modo comum em suas descrições da revelação da seita: rebelião jovem contra o velho e uma nação inteira que estava desviada. Cf. SHEMESH & WERMAN, p. 106.

<sup>7</sup> Os autores deste artigo objetivam entender não a *halakhab* de Qumran, mas o conteúdo haláquico que existe em outros manuscritos como os Rolos do Templo, Jubileus e o Documento de Damasco. Neste sentido, argumentam que a fonte e a autoridade sobre a qual todos esses materiais se fundamentaram é a revelação sinaítica. Tal revelação possui elementos que posteriormente poderão ser reconhecidos na tradição apocalíptica cristã. Exemplo disso é o embate entre os “vilões” (fariseus) e os que pretendem preservar o vigor da Torá. Neste caso, os defensores ainda não podem ser identificados. A pesquisa se divide entre essênios e saduceus. O primeiro grupo parece ter alcançado maior credibilidade, mas os argumentos favoráveis ao grupo dos saduceus também devem ser contemplados.

<sup>8</sup> SHEMESH & WERMAN, p. 119.

pode ter sido abreviada devido ao pecado. Jubileus adiciona a essa revelação futura que aparecerá certo grupo de crianças que aspirarão pelo retorno da humanidade ao caminho correto. Essas crianças repreenderão seus anciãos por terem falhado na manutenção do pacto e, com isso, terem propiciado o desvio do caminho certo para a esquerda, pois se esqueceram das leis, do pacto, do festival, do mês e do Sabbath<sup>9</sup> (vv.19-20).

Kister sugere, baseado na comparação entre o Documento de Damasco e outras obras de Qumran, que a seita possuía opositores<sup>10</sup>. Conseqüentemente, o grupo objetivava lutar para recolocar a nação no caminho haláquico. Tanto Enoque quanto Jubileus retratam de modo comum: rebelião do jovem contra o velho e o desvio de uma nação inteira<sup>11</sup>. A idéia central expressa por meio desse quadro é que os desvios de conduta cometidos eram inaceitáveis. Era imperioso que o caminho correto fosse retomado, as anomalias fossem rejeitadas e o estado de integridade fosse restabelecido. Para que isso ocorresse, entretanto, a ética desejável seria a separação dos opositores (os de fora), a preservação da santidade (não misturar duas espécies) por meio de casamento intramuros e da obediência à lei, a fim de que se reestruturasse uma sociedade íntegra diante Javé.

Tais pressupostos éticos configuraram o pano de fundo que caracterizará o 4QMMT como expressão severa dos ideais qumrânicos para a vida. Eles subjazem à formação dos códigos reguladores que constituem o documento e que têm a finalidade de estabelecer os limites de identidade religiosa e social do grupo.

## **2. DISCUSSÃO QUANTO ÀS ORIGENS DE 4QMMT**

Os debates acerca das origens qumrânicas têm se mostrado um tanto quanto acalorados. Embora a posição mais freqüente seja a de que o povo qumrânico seja derivado dos essênios, a posição de que podem ter sido os saduceus que deram origem a Qumran, tem alcançado algum espaço entre os pesquisadores. No geral, pode-se dizer que a discussão de tal proposta visa à motivação de paradigmas que estimulem a pesquisa. Contudo, esta hipótese é ventilada não sem crítica em função de sua própria natureza polêmica.

---

<sup>9</sup> Idem, p. 106.

<sup>10</sup> KISTER, Concerning the history of the Essenes, pp. 8-9. A comparação das acusações contra a humanidade revela a discrepância entre a composição independente e a adição. A composição independente fala de corrupção e impureza, enquanto que na adição encontramos uma apresentação mais variada: as crianças repreendem seus anciões porque eles abandonaram o pacto, os preceitos, e o corpo do calendário (vv. 19-20). Como notado, essas acusações citadas são idênticas àqueles feitas pela seita de Qumran contra seus oponentes. Outros versos pertencem ao segundo estrato, que faz referência aos reis asmoneus (...). Como outros estudiosos têm notado, essas acusações são as mesmas que as feitas no Peshet Habakkuk contra o Sacerdote Mal.

<sup>11</sup> É no mínimo interessante que a imagem de crianças e de jovens apareça nesse contexto. Há nessas duas imagens um simbolismo profundo que relaciona o novo ao íntegro.

Os temas relacionados à natureza do documento, como as origens e a audiência específica do texto, têm sido freqüentemente tratados de modo “pluridirecional”. Se entendido desta maneira, o documento não ficaria encerrado dentro de um mundo ideal, construído por intérpretes modernos a partir de seus pressupostos peculiares.<sup>12</sup>

Tal perspectiva é de fundamental importância para a compreensão do caráter de 4QMMT, uma vez que as origens do material que constitui este documento estão ligadas aos valores éticos e ao sistema de crenças típicas da herança judaica. Portanto, a aproximação deste grupo nos auxilia a interpretar o documento e a entender a relação existente entre prescrições religiosas, ações e relações sociais entre qumrânicos.

A hipótese de Schiffman declara que o grupo de Qumran não era constituído de essênios – ou, se era, os pressupostos da pesquisa sobre os essênios devem ser alterados – e sim, de saduceus. Segundo ele, os manuscritos (1) ilustram o judaísmo do Segundo Templo, (2) fornecem informações sobre outros grupos religiosos judaicos além da seita de Qumran e (3) denunciam como a influência helenística afetou as várias correntes do judaísmo pós-exílico<sup>13</sup>.

Schiffman data 4QMMT do período asmoneu (152-63 aEC) e do início do período romano (63 aEC - 68 EC)<sup>14</sup> e afirma que, à medida que a datação se tornava consenso entre os estudiosos, a identidade do grupo também se delineava como essênia<sup>15</sup>. Os estudiosos que sustentam esta hipótese se baseiam nos escritos de historiadores do século I, Josefo (judeu), Fílon (judeu de Alexandria) e Plínio (romano), que descrevem os essênios às margens do Mar Morto, de acordo com os padrões de ruínas da comunidade de Qumran. Entretanto, para Schiffman, devemos entender 4QMMT a partir do contexto de inadequação dos saduceus, adversários rigorosos dos fariseus, ao governo asmoneu. A esta época, os saduceus se

---

<sup>12</sup> O desenvolvimento desta discussão é contemplado na obra *The Gospels for all Christians: rethinking the Gospel audiences*, de Richard Bauckham (1998), especialmente no primeiro capítulo intitulado *For whom were for the Gospels written?* Nesta obra, Bauckham discute os pressupostos tradicionais da exegese bíblica que declaram a existência de comunidades que subjazem aos evangelhos e, por conseguinte, influenciam a redação do texto. O autor propõe, basicamente, que tais textos teriam sido formulados para audiências mais amplas e que, portanto, devem ser entendidos como textos “em aberto”, pois atendiam às expectativas de uma rede de igrejas cristãs. Esta discussão é resenhada no artigo de KLINK, Edward W. The Gospel community debate: state of the question. In: *Currents in Biblical Research* 3.1, 2004, pp. 60-85.

<sup>13</sup> Cf. SCHIFFMAN, pp. 37-52.

<sup>14</sup> Esta datação está apoiada em provas arqueológicas identificadas nas proximidades de onde os manuscritos foram descobertos, testes com carbono-14 realizados nos tecidos que envolviam os rolos e nos próprios pergaminhos e provas paleográficas (de forma e apresentação das letras). Cf. SCHIFFMAN, p. 41.

<sup>15</sup> “... grupo ou seita de judeus que levavam uma vida piedosa, pautada por regulamentos rígidos e cujas propriedades em comum eram partilhadas por todos. Embora seu centro fosse localizado junto ao Mar Morto, sabe-se que membros do grupo se espalharam por todas as cidades da Palestina”. Cf. SCHIFFMAN, p. 41.

separaram dos fariseus e engajaram-se na revolta dos macabeus (168-164 aEC). O Templo passou a ser administrado pelos fariseus em cooperação com os asmoneus, e esta situação perdurou até Herodes, o Grande (37 aEC). Com isso, alguns saduceus que não se adaptaram à situação em função de seus rigores religiosos e interpretação rígida da Lei se separaram<sup>16</sup>.

Assim, a natureza de 4QMMT teria sido motivada em reação às normas legais anunciadas pelo sumo sacerdote do período asmoneu. 4QMMT contestaria a acomodação de alguns saduceus à situação enunciada pelos asmoneus e proporia a “lei correta”. A coleção completa dos documentos de Qumran, especialmente o 4QMMT, demonstrariam, segundo Schiffman, que é provável “um processo de sectarismo e de mentalidade separatista [que] foi evoluindo durante todo o período asmoneu, atingindo seu apogeu no período herodiano. Em consequência, um grupo de sacerdotes originalmente saduceus, sob a liderança do Mestre de Justiça (...), transformou-se no grupo que nos legou os textos da seita encontrados em Qumran”<sup>17</sup>.

A hipótese de Schiffman é constante alvo de críticas. O principal debatedor desta proposta é James VanderKam, da Universidade de Notre Dame. Para ele, a comunidade de Qumran é sem dúvida de origem essênica e essa hipótese se sustenta a partir do exame das fontes gregas que falam sobre os essênios, em provas arqueológicas e nos próprios relatos de crenças contidos nos manuscritos. VanderKam considera que, mesmo que as coincidências entre o 4QMMT e a Mishná fossem em grande número, isto não seria fato muito significativo, visto que é de se esperar que esses dois grupos – o grupo de Qumran e os rabinos herdeiros da tradição farisaica – concordem sobre muitos aspectos. Ambos têm “profundas raízes sacerdotais”.

Mesmo que a comunidade de Qumran tenha sido fundada e dirigida pelos filhos de Sadoque – possível origem para o nome *saduceu* – e sacerdotes importantes tenham sido saduceus, a Mishná foi escrita por volta de 200 EC, após saduceus e fariseus já terem desaparecido. Portanto, os relatos de disputa entre ambos não são completamente confiáveis<sup>18</sup>. Segundo VanderKam, Schiffman ignorou os testemunhos contemporâneos de Plínio e as descrições feitas por Josefo sobre o pensamento e as práticas dos essênios.

Apesar de não haver consenso a respeito das origens do grupo de Qumran, o rigor na interpretação da Lei e o radicalismo religioso na sua observância são características que não

---

<sup>16</sup> SCHIFFMAN, p. 44.

<sup>17</sup> SCHIFFMAN, p. 44-45.

<sup>18</sup> Cf. VANDERKAM, James C. O povo dos Manuscritos do Mar Morto: essênios ou saduceus? In: SHANKS, p. 62.

podem ser ignoradas. Não pretendemos discutir as duas hipóteses e tampouco apresentar certa harmonização dessas abordagens. Mas entendemos que, dessa discussão, decorrem duas afirmações que podem ser feitas sem restrição: (1) Os autores da carta são contrários às lideranças que aceitam a mistura de judeus e gentios e os acusam de profanação. (2) Para os autores de 4QMMT, o grupo de Qumran deve buscar a separação “dos de fora” e a pureza na vida social e religiosa como forma de afastar-se do conselho de Belial, ser justificado e obter o bem para Israel.

### 3. 4QMMT E AS REGULAÇÕES DE QUMRAN

Há uma vasta lista de textos qumrânicos que contêm leis religiosas que propõem regulações para a vida dos membros da seita. As regulações em Qumran estão ligadas à noção fundamental de pureza e, em geral, procuram evitar a poluição por meio de contatos com pessoas ou objetos contaminados. A pureza é o objetivo central das regras de purificação. No material dos Rolos do Mar Morto existem vários textos haláquicos: a Carta Haláquica (4QMMT) e suas diversas cópias (4Q394, 4Q395, 4Q396, 4Q397, 4Q398 e 4Q399), o Texto jurídico (2Q25), as Ordens<sup>a</sup> (4Q159), a Halakha (4Q251), as Normas de pureza (4Q274, 4Q275, 4Q276, 4Q277, 4Q278, 4Q279), os Decretos (4Q477), as Ordens<sup>b</sup> (4Q513) e as Ordens<sup>c</sup> (4Q514).

Deste complexo literário, os estratos que nos interessam fazem parte do conjunto das cópias da carta haláquica, que são: 4Q396 [4QMMT<sup>c</sup>], Frag. 1 col. II; 4Q397 [4QMMT<sup>d</sup>], Frag. 1, 2, 3 + 4, 5 + 6, 7 + 8; 4Q398 [4QpapMMT<sup>e</sup>], Frag. 2. col. II<sup>19</sup>.

Em 4Q396, os autores iniciam seus conselhos referindo-se primeiramente aos “deficientes”, especificamente, cegos e surdos, que não podem ver ou ouvir a lei, portanto, não sabem praticá-la, mas se aproximam da pureza do Templo. Em segundo lugar, os autores falam a respeito das “correntes líquidas” expelidas pelo corpo humano. Esses fluídos são impuros e, quando não retirados dos corpos, tornam-nos úmidos como os próprios líquidos, logo impuros. Nestas condições, nem homem, nem mulher podem entrar no acampamento santo. Aos cachorros também não é permitida a entrada no acampamento, já que eles se contaminam com ossos e carnes mortas (contaminadas).

O estrato 4Q397, texto central para nós, traz diversos temas relevantes, como o “lugar da degola”, por exemplo. Os autores da carta recomendam que a degola dos animais seja feita

---

<sup>19</sup> Esta classificação está de acordo com a tradução em português de Florentino García Martínez.

fora do acampamento, considerado o lugar da tenda da reunião. Fora do acampamento equivale à posição fora de Jerusalém, a cidade escolhida. Recomenda-se também que cinzas sejam tomadas e que sejam feitos sacrifícios pelo pecado de Israel. O segundo tema chamativo é a “lista dos que não podem entrar na assembléia”. Nessa lista, o amonita, o moabita, o bastardo, o homem de testículos esmagados e o homem de pênis amputado não podem fazer parte da reunião e são colocados num mesmo nível de poluição. Em seguida, os autores reafirmam que nenhum contato com ossos ou misturas é admitido e as impurezas não devem ser introduzidas no Templo.

Ainda em 4Q397, o tema das “correntes líquidas” volta a aparecer. Desta vez, os autores afirmam mais claramente que no corpo (recipiente) com correntes líquidas não é possível separar puro do impuro. Em seguida, fala-se novamente que os cachorros não devem ser introduzidos no acampamento, pois se contaminam com a impureza dos ossos. A Jerusalém é o acampamento santo, cabeça de Israel, e as primícias das plantações e das criações devem ser entregues aos sacerdotes. Depois disso, um novo personagem é acrescentado à lista dos impuros: trata-se do leproso que deve fazer oferenda pelo perdão de seu pecado e, assim, obter a condição de puro para a entrada no Templo.

Por fim, 4Q397 encerra com o registro de que os cadáveres são impuros, portanto, não se deve ter contato com eles. Os que cometem fornicações não são parte da congregação (perfeita santidade), mas como filhos de Aarão, os “santos dos santos” não devem misturar (a) animal puro com impuro, (b) duas espécies, (c) as vestes e (d) o plantio de duas espécies no mesmo campo. É provável que tais cenas sejam usadas pelos autores como metáforas para coibir a mistura entre membros da seita e os de fora. A fornicação é aqui entendida como mistura inaceitável, por isso a rejeição ao intercasamento.

Depois disso, os autores afirmam que da violência e da fornicação decorre a destruição, que a Lei recomenda não introduzir abominação em casa e, por isso, a maioria do povo é separada (se abstém) dos assuntos e da união nestas coisas – subentende-se que os autores estejam se referindo à fornicação e à mistura de espécies. Em função disto, os separados não aceitam “engano, traição e maldade”. Os membros da seita devem entender (1) o livro de Moisés, (2) as palavras dos profetas e (3) as palavras de Davi e as Crônicas.<sup>20</sup> Os autores revelam que no

---

<sup>20</sup> A divisão do cânon usada pelos autores da carta haláquica em 4Q397 Frag. 7+8 é amplamente discutida. Eugene Ulrich sugere que a transcrição maximizada e exagerada publicada pelo DJD está particularmente influenciada pela pressuposição de que realmente havia um cânon triplo no II século aEC. O autor examina algumas evidências em adição ao 4QMMT: uma referência que possui três partes no Prólogo de Ben Sira e a

futuro os membros da seita se desviarão para o mal, passarão por situações ruins e no final dos dias se recordarão e se voltarão para Deus, então serão abençoados. Aqui, em especial, a carta haláquica revela características de apocalipse.<sup>21</sup>

Em 4Q398, os autores da carta escrevem que os pecados dos membros da seita serão perdoados assim como as angústias e pecados de Davi, homem piedoso, foram perdoadas. Então, eles definem a razão do documento: os preceitos da Torá são escritos porque (1) são bons para ti e (2) para o povo. Foram escritos porque os membros do grupo são inteligentes e apresentam conhecimento da Torá. Por fim, é necessário buscar a Deus para que os conselhos sejam confirmados, para que se afastem de Belial e para que se alegrem, no final, pelo cumprimento da lei. Se os membros do grupo se portarem assim, serão justificados por terem feito o que é bom diante dele, para o bem próprio, para o bem do povo e o para bem de Israel.

#### 4. O CONJUNTO DE TEXTOS<sup>22</sup>: 4Q396, 4Q397, 4Q398

*4ª Carta Haláquica (4Q396 [4QMMT<sup>r</sup>])*

Frag. 1 col. II

1 e para ser observantes do templo. [E também sobre os cegos] que não 2 vêem, para guardar-se de toda impure[za; e a impureza da oferenda pelos pecados] eles não a 3 vêem. *Vacat*. E também sobre os sur[dos que não] ouvem a lei 4 e o preceito de pureza, e não ouvem [as leis de] Israel 5 pois quem não vê nem ouve, não [sabe] praticar. Porém estes 6 se aproximam da pureza do templo. E tam[bém sobre as correntes líquidas] 8 podem separar entre o impuro e o pu[ro, porque a umidade das correntes líquidas] 9 e o que as contém é como elas. [E não devem ser introduzidas no acampamento santo] 10 cachorros que co[mam alguns dos ossos

---

referência de 2 Macabeus 2:13-14. Segundo Ulrich, algumas traduções (como a NAB e a NRSV) desfilam os termos “Lei, profetas e antigos autores” ou “livro dos ancestrais” e o “resto dos livros”. Tal uso tornaria comum o entendimento de que o cânon da Bíblia Hebraica era tripla. Todavia, esses termos são diferentes entre si e é provável que o último tenha sido acrescido posteriormente. Em geral, os estudiosos concordam que os primeiros dois termos denotam textos das Escrituras (a Lei e os Profetas). “Os outros livros” podem ser entendidos como livros que não são parte das Escrituras, mas são trabalhos válidos para explicar e tornar contemporâneos a lei e os Profetas para aqueles “que desejavam adquirir sabedoria e estavam dispostos a viver suas vidas de acordo com os padrões da Lei” (Prólogo). Cf. ULRICH, Eugene. The non-attestation of tripartite canon in 4QMMT. In: *The Catholic Biblical Quarterly* 65.2, 2003, pp. 212-214.

<sup>21</sup> Segundo J. J. Collins, o apocalipse pode ser entendido como “um gênero de literatura de revelação com uma estrutura narrativa, na qual uma revelação é mediada por um instrumento humano, que revela uma realidade transcendente, a qual é, ao mesmo tempo, temporal, enquanto visa salvação escatológica, e espacial, ao envolver um outro mundo, um mundo sobrenatural”. Cf. COLLINS, J. J. (ed.) *Apocalypse: the morphology of a genre*. In: *Semeia* 14, 1979, p. 09.

<sup>22</sup> Os textos de 4QMMT apresentados neste ensaio foram retirados da tradução elaborada por Florentino García Martínez. Cf. *Textos de Qumran: edição fiel e completa dos documentos do Mar Morto*. Trad. Valmor da Silva. Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 125-128.

do templo... com a carne] 11 [sobre eles.] Porque Jerusa[lém é o acampamento  
santo, o lugar]

*4Qcarta Haláquica (4Q397 [4QMMT<sup>d</sup>])*

Frag. 1

1 [...] [...] 2 [...] porém o lugar da degola é ao nor]te do acampamento. [E nós  
pensamos que o templo] 3 [ é o lugar da tenda da reunião, e Jerusalém] é o  
acampamento; e fora do [acampamento, é fora de Jerusalém]. 4 [ É o  
acampamento de suas cidades. Fora do acampamento ... Tomarei as cin]zas [do  
altar e queimareis ali o sacrifício] 5 [pelo pecado, pois Jerusalém é o lugar que  
escolheu dentre] todas as [tribos de Israel...]

Frag. 2

1 [...] E sobre o Amonita e o Moabita e o] bastardo [ e o que tem testículos  
esmagados e o que tem amputa]do o pênis, se eles entram na assembléa] 2 [...] e]  
tomam um osso [...] 3 [...] suas impurezas. E também pensamos [...] 4 [...] sobre eles  
... que não se] juntem e façam [...] 5 [...] e que não os introduzam no templo... E  
vós sabeis que al]guns do po[vo...] 6 [...] ... [...]

Frag. 3 + 4

1 [...] Inclusive as correntes líquidas não podem separar o] impuro do puro, [porque  
a umidade das correntes líquidas e seus recipientes] 2 [é uma mesma umidade. E  
não devem ser introduzidos no acampamento santo] cachorros que possam comer  
alguns dos ossos do templo...] 3 [...] a carne sobre [eles. Porque Jerusalém é o]  
acampamento santo, [o lugar que escolheu dentre todas] 4 [as tribos de] Israel, já  
que [Jerusalém é a cabeça dos acampamentos de Israel. E também so]bre a  
plan[tação das árvores frutíferas: uma planta na terra de] 5 [Israel é como as  
primí]cias, ela é para os sa]cerdotes. [E o dízimo do gado e do rebanho, é para os  
sacerdotes.] 6 [...] ... [...]

Frag. 5 + 6

1 [...] [...] 2 [...] E sucede que quando são impu]ros os le[prosos se aproximam da  
pureza santa, da casa. E vós sabeis...] 3 [...] e parte] dele, [trará uma] oferenda pelo  
pecado. [E sobre o que age insolentemente está escrito que é um denegridor e um  
blasfemo.] 4 [E também quando eles tiverem impu]rezas de le[pra, não] comerão  
[das coisas santas até que se ponha] o sol [no dia oitavo.] 5 [e sobre a impureza de

um cadáver, nós dizemos que todo [osso, ou descarnado ou completo, está sujeito à] lei do morto e do assas[sinado.] 6 E sobre as fornicções que se praticam em meio ao povo: eles são membros da congregação de perfeita santidade,] como está escrito: “Santo é [Israel”.] 7 [E sobre o animal puro, está escrito que não emparelhará [duas espécies; e sobre a veste, está escrito que não misturará] materiais; e que não [semeará o seu campo] 8 [ou a as vinha com duas] espécies porque são [santos. Porém os filhos de Aarão são os mais santos dos santos,]

Frag. 7 + 8

1 [...] ... [...] 2 [...] ... [...] que virão 3 e quem [...] ... [...] 4 E sobre as mulhe[res...] e traição [...] 5 pois nestas coisas [...] pela violência e a fornicção foram destruídos [alguns] 6 lugares. E [também] está escri[to no livro de Moisés que não] se introduzirá uma abominação [em casa, pois] 7 a abominação é detestável. [E vós sabeis que] nos separamos da maioria do povo e nos abstemos] 8 de misturar-nos nestes assuntos, e de nos unirmos a [eles] nestas coisas. E vós sa[beis que não] 9 se encontra em nossas obras engano ou traição ou maldade, pois sobre [estas coisas] nós damos [...] e também] 10 vos temos es[crito] que deveis compreender o livro de Moisés [e as palavras dos] profetas e de Davi [e as Crônicas] 11 [de cada] geração. E no livro está escrito [...] ... [...] que não] 12 [...] ... E também está escrito que [vos extraviareis] do caminho e vos sucederá [o mal. E está escrito que] 13 [virão sobre vós to]das as coisas [estas no fi]nal dos dias, [a bênção] 14 [e a maldição ... e vos recorda]reis em vosso coração [e vos voltareis a mim com todo o vosso 15 [...] que vieram [...] 16 [...] ... [...]

*4Qcarta Haláquica (4Q398 [4QpapMMT<sup>r</sup>])*

Frag. 2. col. II

1[foram-lhes perdoados] os seus pecados. Recorda Davi, um dos “piedosos”, e também 2 ele foi livrado de suas muitas angústias e foi perdoado. E também nós te escrevemos 3 alguns dos preceitos da Tora que pensamos bons para ti e para o teu povo, pois [vimos] 4 em ti inteligência e conhecimento da Tora. Considera todas estas coisas e busca diante dele que ele confirme 5 o teu conselho e afaste de ti a maquinação malvada e o conselho de Belial 6 de maneira que possa alegrar-te no final do tempo do descobrimento de que algumas de nossas palavras são verdadeiras. 7 E te será contato em justiça quando fizeres o que é reto e bom diante dele, para o teu bem 8 e o de Israel.

#### 4.1. Proposta de estrutura

O material do 4QMMT inicia com um calendário (solar) e, em seguida, faz uma apresentação formal da carta: “*Estas são algumas de nossas normas sobre a lei de Deus, que são parte dos preceitos que nós consideramos e todos eles concernem a [...] e a pureza*”. (4Q394 Frag. 1 col. I). O conteúdo que se segue versa basicamente sobre (1) a separação entre os gentios e suas coisas dos membros da seita quumrânica; (2) o lugar da degola; (3) as pessoas impuras que não podem entrar na assembléia; (4) a impureza das correntes líquidas do corpo humano e (5) sobre os sacrifícios no acampamento. Todos esses temas se repetem nos fragmentos das cópias que escolhemos para interpretar. É notável que o fio condutor subjacente ao material seja a “não-mistura” entre objetos considerados puros e aqueles classificados como impuros.

Como vimos, as oposições principais são:

<b>Impuro</b>		<b>Puro</b>
Misturar duas espécies ou matérias	<i>Versus</i>	Ser santo / separado (idéia de integralidade)
Profanação da “semente” (cruzamento)	<i>Versus</i>	Abstinência

A recomendação clara dos autores do 4QMMT é que não se misturem, sejam separados e abstinentes dos assuntos dos gentios e dos que se misturam com não-judeus. Essas prescrições que motivam uma ética de separação têm base simbólica e social. Deste modo, 4QMMT se estrutura a partir de várias recomendações que são pautadas na Lei mosaica. Os autores recomendam:

#### 1. 4Q396 Frag 1. col. II – Recomendação principal: não-mistura

- 1.1. Com cegos e surdos
- 1.2. Com as “correntes líquidas”
- 1.3. Com animais impuros no acampamento
- 1.4. Com a Jerusalém, lugar santo

#### 2. 4Q397 Frag. 1 – Recomendação principal: atenção

- 2.1. Ao “lugar da degola”
- 2.2. Ao local da tenda da reunião
- 2.3. As cinzas do sacrifício pelo pecado
- 2.4. A Jerusalém escolhida

*2.5. Frag. 2 – Recomendação quanto às impurezas*

- 2.5.1. Quanto aos impuros impedidos de entrar na assembléia
- 2.5.2. Quanto a não introduzir “ossos” no acampamento
- 2.5.3. Quanto a não se misturar com outros grupos
- 2.5.4. Não introduzir os de fora no Templo

*2.6. Frag. 3+4 – Recomendação quanto à não-confusão*

- 2.6.1. Com correntes líquidas que confundem puro e impuro / recipiente e líquido
- 2.6.2. Com animais contaminados por contatos impuros (cadáver)
- 2.6.3. Com Jerusalém que é a cabeça de Israel
- 2.6.4. Com as primícias que devem ser levadas aos sacerdotes

*2.7. Frag. 5+6 – Recomendações*

- 2.7.1. que os leprosos façam oferendas no Templo pela purificação do pecado
- 2.7.2. que o contato com cadáveres seja evitado
- 2.7.3. que as fornicções sejam evitadas
- 2.7.4. que não se misturem duas espécies / matérias
- 2.7.5. que os filhos de Aarão sejam os “santos dos santos”

*2.8. Frag. 7+8 – Recomendação quanto aos cuidados*

- 2.8.1. A violência e a fornicção levam à destruição
- 2.8.2. Seguir a Lei e não levar abominação detestável para dentro da casa
- 2.8.3. Separar / abster parte do povo dos assuntos e das coisas impuras
- 2.8.4. Não aceitar “engano, traição e maldade”
- 2.8.5. Atenção à (a) Lei de Moisés, (b) as palavras dos profetas, (c) Davi e as Crônicas

*Escatologia*

- (a) Haverá extravio do caminho e se sucederá o mal
- (b) No final dos dias virão muitas coisas
- (c) Então se recordarão no coração e se voltarão a Deus

### **3. 4Q398 Frag. 2 col.I – Encerramento**

- 3.1. Os pecados serão perdoados
- 3.2. Lembrança dos pecados e das angústias perdoadas de Davi
- 3.3. Tais preceitos foram escritos porque (a) são bons para ti e (b) são bons para o povo
- 3.4. Os autores reconhecem que a audiência (a) é inteligente e (b) tem conhecimento da Torá
- 3.5. Últimas recomendações: (a) confirmar os conselhos, (b) afastar-se de Belial e (c) alegrar-se, no final, pelo cumprimento da Lei
- 3.6. Os membros da seita serão justificados (a) por terem feito o que é bom diante de Deus, (b) pelo bem próprio, (c) pelo bem do povo e (d) pelo bem de Israel.

A observação dos temas abordados na carta confirma que os autores teceram recomendações diretas que interpretaram ensinamentos da Lei. Tais ensinamentos são encontrados principalmente nos textos do Levítico e do Deuteronômio. Especialmente no bloco de Lv 11-15 há um tratamento das impurezas que são detestáveis diante de Deus. Assim, os temas que os autores de 4QMMT consideram relevantes para a instrução dos membros da seita são tratados de acordo com a Lei. São eles: a impureza da parturiente (Lv 12); homens com fluxos (sêmen) na carne (Lv 15:2-33); sobre a degola (Dt 12:15 e 21); sobre não tocar em cadáveres (Lv 11:8-40); sobre não misturar as espécies (Dt 22:9); sobre os impuros proibidos de entrarem no templo: o homem de testículos esmagados (Dt 23:1), o bastardo (23:2), o amonita e o moabita (23:3), o leproso (Lv 22:4); sobre a santidade de Israel (Lv 11:44; 20:7).

### **4.2. As correntes líquidas e os contatos impuros: 4Q396 Frag. 1 col. II; 4Q397 Frag. 3+4 e 5+6**

Os autores de 4QMMT recomendam aos membros da seita de Qumran que sejam puros quanto ao corpo e cuidem dos líquidos, das gosmas e dos fluidos que são expelidos normalmente e durante relações sexuais. Para Martha Himmelfarb, a “pureza é preocupação central da legislação da Torá, mas as leis pertinentes às relações sexuais não constituem uma categoria separada”. No corpo sacerdotal há 12 leis com implicações para relações sexuais, que aparecem no contexto de leis para purificação após a emissão de fluidos das partes genitais (Lv 12, 15). Segundo Himmelfarb, as relações sexuais são completamente ligadas às emissões de fluidos, mas a condição para purificação existe para além das relações sexuais. Ela exige que qualquer pessoa esteja limpa antes da entrada no Templo. Neste sentido é possível encontrar

em Levítico 12 instruções diretas para a purificação da mulher após o nascimento de filho, enquanto em Levítico 15 existem regras para a purificação após correntes líquidas “normais” e “anormais” para homens e mulheres que nem sempre estão ligadas às relações sexuais.<sup>23</sup>

Himmelfarb sustenta que a corrente líquida normal do homem é a emissão do sêmen durante relação sexual ou ejaculação noturna. Para a mulher, trata-se de sua hemorragia menstrual. Para o homem, corrente anormal é qualquer tipo de descarga que não seja o sêmen e para a mulher é algum tipo de descarga de sangue não relacionada à menstruação. As regras sobre correntes líquidas em Lv 12 e 15 são separadas por regras de purificação de irrompimento da pele e de objetos inanimados, em Lv 13-14. Assim, não se trata tão somente de regulações típicas de sistemas simbólicos patriarcais que legitimam a degradação da mulher. A questão é mais ampla e talvez esteja relacionada à condição higiênica. Na mesma condição de contato impuro estão as prescrições relacionadas às comidas proibidas do Lv 11 que também ocasionam impurezas a quem tocar ou conduzir cadáveres (vv. 24-40). Deste modo, mesmo o contato indireto com um cadáver humano conduziria à impureza (Nm 19:11-22). Assim, as regras sobre correntes líquidas fazem parte de uma larga categoria de leis de impureza.<sup>24</sup>

Entender a purificação do corpo e a negação do contato com animais considerados contaminados como questões ligadas ao campo simbólico da religião e à condição higiênica amplia a compreensão do material de 4QMMT. Mary Douglas entende que nem todos os rituais de purificação estão ligados à higiene e que certamente possuem função dentro do sofisticado quadro de referências simbólicas da religião. Parafraseando a autora, seria lastimoso considerar Moisés um fiscal sanitário. Algumas das práticas cúlticas somavam mais funções do que apenas as litúrgicas, por exemplo: o incenso disfarçava o cheiro da carne queimada, tornando “tolerável” essa prática “desasseada”. Evitar a carne de porco (assim como a não ingestão e o não contato com sangue) mantinha a salvo a saúde da comunidade, já que essa carne é perigosa e transmissora de doenças parasitárias. Tais regras, que fazem parte da rotina religiosa judaico-cristã, seriam positivamente regras de higiene. Entretanto, interpretá-las somente a partir deste prisma ofuscaria o caráter simbólico da religião.<sup>25</sup>

Não se sabe se o cuidado com relação à carne de porco, por exemplo, tem realmente raiz na preservação da saúde. Se isso ocorreu, não se tem indicação e a tradição se perdeu. Contudo, é

---

<sup>23</sup> Cf. HIMMELFARB, Martha. Sexual relations and purity in the Temple Scroll and the Book of Jubilees. In: *Dead Sea Discoveries* 6. 1, 1999, p. 14.

<sup>24</sup> HIMMELFARB, pp. 14-15.

<sup>25</sup> Cf. DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1966, pp. 43-44.

interessante notar que a leitura de tais prescrições pode gerar estranhamento ao intérprete moderno do Levítico e do 4QMMT. Isto porque temos a noção de que nossas práticas são baseadas em higiene, as deles são simbólicas: “nós matamos germes; eles afastam os espíritos”.<sup>26</sup> Essa é uma noção compreensível, mas discutível. Em geral, os códigos de pureza que perpassam os sistemas simbólicos de grupos primitivos organizam magicamente relações sociais e experiência religiosa. Como foi dito, trata-se de um apurado mecanismo de operar esquemas mentais que servem à organização religiosa e social.

Para ilustrar essa relação entre campo simbólico e âmbito social, Mary Douglas apontou o exemplo dos Havik brâmanes. Entre eles foram constatados três níveis de pureza religiosa: (1) o mais alto grau de pureza necessário para se prestar adoração é atingido por meio do banho, (2) o grau mediano é o esperado de todos e, por último, (3) o estado de impureza atribuído àquele que não se banha. Estes três níveis são decorrentes do costume de banhar-se pelo menos três vezes ao dia. Os banhos devem ser tomados antes das refeições. Quem atende a essa premissa está de acordo com o mais alto grau, mas aqueles cujas ocupações diárias não lhes permitem a observância de tais regras se esmeram em tomar banho pelo menos antes da principal refeição e da adoração aos deuses da casa.<sup>27</sup> Segundo Douglas, as pessoas consideradas em estado de impureza não podem ser tocadas, pois são transmissoras da poluição. Por isso, devem comer fora da casa e remover a folha (tipo de prato). A única pessoa autorizada a tocar nos restos desse Havik impuro é a sua esposa.<sup>28</sup>

Também é feita distinção entre comida crua e comida cozida. “A comida cozida está sujeita a transmitir poluição e a comida crua não”. Além disso, um Havik não pode aceitar comida partida de um membro de casta inferior: “O processo de comer é potencialmente poluidor, mas a maneira de comer determina a quantia de poluição”.<sup>29</sup> São várias as regras de poluição entre os Havik e, entre elas, causam impureza: (1) pisar em fezes de animais; (2) entrar em contato com couro (as sandálias não podem ser tocadas e os pés lavados antes de se entrar na casa); (3) não evitar o contato com um impuro ou com um objeto usado pelo impuro; (4) evitar o recebimento de dinheiro ou frutas de um intocável; (5) não evitar o uso de objetos que mantêm a impureza (tecidos de algodão, vasilhas metálicas de cozinha, comida cozida, ou palha sobre o solo).<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> Cf. DOUGLAS, p. 47.

<sup>27</sup> Cf. DOUGLAS, p. 47.

<sup>28</sup> Cf. DOUGLAS, p. 48.

<sup>29</sup> Cf. DOUGLAS, pp. 47-48.

<sup>30</sup> Cf. DOUGLAS, p. 49.

Nesta mesma direção, Himmelfarb destaca que em Lv 18:24-30 há uma espécie de prevenção contra a profanação da terra, no caso Jerusalém, que resulta das relações sexuais ilícitas. Na passagem Lv 18:24, a expressão “não vos torneis impuros” é repetida várias vezes (שׁוּמְאָה). A mesma raiz das leis de pureza significa “impuro”. Assim, sugere-se que a impureza no santuário é causada pelos líquidos genitais e que a profanação da terra é ocasionada pelas relações sexuais ilícitas<sup>31</sup>. No campo simbólico, tais profanações desagradariam a Javé e, provavelmente, atrairiam ira da divindade, o que poderia ter conseqüências catastróficas.

Para que a desordem não se instaurasse no meio judaico, eram necessárias práticas rituais de purificação, a fim de que a poluição fosse extirpada. De acordo com o Rolo do Templo, um homem que tivesse ejaculação nocturna deveria ser submetido a um processo de purificação de três dias, envolvendo banho e lavagem das roupas no primeiro e no terceiro dia, a fim de que fosse purificado e que pudesse freqüentar o Templo. Somente após o pôr-do-sol do terceiro dia, o homem seria considerado limpo novamente (45:7-10)<sup>32</sup>.

#### **4.3. A degola fora do acampamento: 4Q397 Frag. 1**

A questão principal aqui é a distância do Templo. Os animais devem ser degolados quando o assunto é consumo, mas essa discussão parte de Lv 17:3-4, e os autores de 4QMMT interpretam que só a carne sacrificada no Tabernáculo pode ser consumida. Essa proibição teve seu registro quando o povo vagava pelo deserto. Com a entrada do povo na terra escolhida, passou a ser permitida de acordo com a expressão do desejo de cada um (Cf. Dt 12:20-38). Mas os autores do 4QMMT rejeitam essa interpretação, estabelecem limites para a degola secular e aplicam a lei do Levítico a Israel. De acordo com seu ponto de vista, em todos os lugares que correspondem ao “acampamento” e “fora do acampamento”, a degola secular é proibida.

Essa *Halakhab* contém uma exegese organizada dos versos de Levítico, que é a fonte dos autores de 4QMMT. Mas o exegeta desenvolve a interpretação com o fim de provar a validade da sua interpretação e reafirmar sua autoridade. (Cf. Lv 6:4; Nm 19:3-5).<sup>33</sup> A razão pela qual os autores invertem a instrução de Dt 12:15, 21 não é completamente conhecida, mas entende-se que o motivo mais provável da deformação seja o radicalismo dos membros de Qumran. Com esta inversão, os autores da carta demonstram que são autônomos quanto à interpretação da

---

<sup>31</sup> Cf. HIMMELFARB, pp. 15-16.

<sup>32</sup> Cf. HIMMELFARB, p. 18.

<sup>33</sup> SHEMESH & WERMAN, pp. 121-122.

Lei e, mais do que isso, que selecionam a informação e submetem-na à alteração, que varia de acordo com a dinâmica das relações sociais.

#### **4.4. A não mistura das espécies, os “impedidos” e a fornicção: 4Q397 Frag. 2 e Frag. 7+8**

O tema que perpassa esses fragmentos de 4QMMT é a não-mistura e o não-contágio, pois de tais ações decorre a destruição. Os autores recomendam que, segundo o livro de Moisés, não deverá se admitir abominação em casa, pois ela é detestável. O termo abominação (תועבה – tō‘ēbâ), é usado em Lv 11:11 para se referir à orientação de não-contato com carnes impuras e, nos vv. 20, 23 e 41, para se referir ao não-contato com animais mistos, isto é, animais que andam e voam. Já em 18:22 e 20:13, o termo abominação está associado à homossexualidade, também considerada detestável.

Animais criados para o sustento das famílias israelitas eram considerados limpos (rebanhos de gado, camelos, carneiros e cabras). O critério que os definia como limpos (especialmente separados) era que fossem animais de casco fendido e ruminadores. Os demais animais que não se enquadrassem nessas características eram considerados impuros e abomináveis. Assim, as leis concernentes aos animais estão de acordo com a divisão da criação em Gênesis: água, ar e terra. “(...) O princípio subjacente de pureza dos animais é que eles sejam totalmente conformes à sua classe. Segundo Douglas, as espécies que constituem membros imperfeitos da própria classe são impuras porque confundem o esquema geral do mundo”, classificado em a terra, águas e firmamento.<sup>34</sup>

Deste modo, os animais que não se conformam a sua classe são contrários à santidade. Por conseguinte, qualquer coisa da água que não tenha nadadeiras e escamas é impura (...), criaturas de quatro pés que voam, criaturas que tenham duas pernas e duas mãos e que andam como quadrúpedes e, por fim, todo tipo de animal que rasteja, arrasta-se ou se move sobre a terra é considerado impuro. “Essa forma de movimento é explicitamente contrária à santidade”, (Lv 11:10-44).<sup>35</sup>

Os animais que não se movem de acordo com suas prováveis classes contradizem a ordem, portanto, são abomináveis. No caso dos pingüins, por exemplo, que possuem asas, mas não voam, movem-se na terra e nadam como peixes, observa-se um caso de anomalia. Eles não

---

<sup>34</sup> Cf. DOUGLAS, pp. 72.

<sup>35</sup> Cf. DOUGLAS, pp. 72-73.

pertencem à classe dos peixes, tampouco à das aves. Por serem contraditórios ao conjunto de preceitos da Lei, poderiam ser considerados impuros.<sup>36</sup> Para Douglas, é importante entender que a anomalia no âmbito dos grupos primitivos significa o que foge ao esquema de organização, logo, o que está fora de lugar.<sup>37</sup>

Por essa causa, a abominação é uma anomalia que necessita ser descartada do meio de Qumran. Nesta perspectiva, enquadram-se neste gênero os contatos com alimentos impuros, com objetos sujos, com deficientes e tudo que estiver do lado oposto à santidade (que é pura e integral). Para Hannah K. Harrington, as leis contidas nos rolos de Qumran estão especialmente ligadas à santidade. Por exemplo, de acordo com o Rolo do Templo, Israel só poderia comer alimentos puros e deveria privar-se do contato com restos de cabelo ou tatuagens pelo corpo, porque era o “povo santo para Senhor nosso Deus” (11QT<sup>a</sup> 48:7, 10). O Documento de Damasco proíbe com rigidez o contato com os de mente débil, os insanos, os cegos, os coxos e os deficientes dentre da comunidade.<sup>38</sup> Essa severidade visa à purificação do grupo de Qumran.

A preocupação com o casamento em 4QMMT não estaria ligada ao cuidado especial pela família ou pela moral, mas ao desejo de manter a pureza entre as partes do casamento e, por conseguinte, manter a santidade de Israel. Este ponto é enfatizado no material de 4QMMT. As leis não admitem a mistura de espécies e usam como metáforas as imagens de vestimentas e o plantio de sementes diferentes para acusar o casamento misto de “poluição da santidade”.<sup>39</sup>

Harrington pergunta: “O que é santidade? De que forma a santidade é diferente da pureza?” Ela responde que a pureza (טְהוּרָה /*tōhora*; טְהוּר /*tōhar*; טְהָר /*t’hār*) é um estado do ser. Faz referência à ausência de poluição. Santo, Sagrado (קָדוֹשׁ /*qādōsh*) ou Santidade (קִדְשׁ /*qōdesh*) é a força ativa que provém de Deus. Para a autora, santidade pode ser definida, de modo impreciso, como energia divina. Assim, “santidade” poderia ser um outro modo de dizer Deus, usado pelos autores de Qumran. A autora argumenta que o título rabínico favorito para Deus é “Santidade abençoada”, no sentido que somente Deus é inerentemente santo.

---

<sup>36</sup> Cf. DOUGLAS, p. 74.

<sup>37</sup> Douglas entende que, na relação contrastiva puro e impuro, há o desenvolvimento de certo *sistema classificatório*, isto é, de um conjunto articulado de classificações que operam em sistema. Tal esquema de organização propõe um quadro claro que ordena e atribui significado aos dados brutos da realidade que anteriormente estavam em desordem (caos).

<sup>38</sup> Cf. HARRINGTON, Hannah K. Holiness and law in the Dead Sea Scrolls. In: *Dead Sea Discoveries* 8.2, 2001, p. 128.

<sup>39</sup> Cf. HARRINGTON, p. 128.

Outras pessoas poderiam adquirir a santidade inerente de Deus apenas por extensão ou designação divina. Elas jamais serão inerentemente santas, mas podem refletir a santidade divina de várias maneiras. Elas imitam sua alteridade e separação da impureza, aspiram por sua perfeição, exibem a bondade divina (verdadeira justiça e misericórdia) e partilham o divino poder. J. A. Naudé, que analisou a raiz da palavra santidade (שִׁקְיָהּ) nos Rolos do Mar Morto, concluiu que este item se refere a uma característica peculiar e interior do reino de Deus. Portanto, aqueles que são designados santos são privilegiados, pois partilham da divina energia, da experiência sobrenatural do poder divino (Cf. Lv 5:15-16)<sup>40</sup>.

Ao ver dos autores do 4QMMT, o “inter-casamento”, praticado provavelmente por sacerdotes, era proibido. O fundo desta conclusão haláquica é a constatação de que, assim como a Torá proíbe a mistura de espécies animais e de vestimentas (ou seja, de puro e impuro), era proibido aos santos filhos de Arão (santa semente) se misturar com indivíduos poluídos. Essas passagens denunciam uma natureza polêmica. De acordo com Shemesh e Werman: “evidentemente, a presença de explicações formais para sustentar o processo pelo qual a halakhah era derivada não é coincidência”. Ao contestar seus opositores, os autores de Qumran condiziam o debate de modo a tornar a atenção de sua audiência (os membros da seita) contrária aos governantes oponentes.<sup>41</sup> Não se tratava de discussão apenas religiosa ou somente de um sectarismo de fundo místico. Provavelmente os autores de 4QMMT entendiam que a identidade e a legitimação do *status* do grupo como nação escolhida dependiam de uniões intra-muros que preservassem a integridade do grupo.

Em razão disto, os autores da carta haláquica argumentaram que o inter-casamento era contraditório à natureza de santidade. Por conseguinte, essa prática seria uma fornicação que os conduziria à destruição. Em 4QMMT, cometer fornicação, זָנָהּ (zānâ)<sup>42</sup>, não está condicionado ao sentido de prostituir-se. O sentido atribuído está mais próximo de זָנָהּ (nā’ap), cometer adultério. Esta última raiz representa “intercurso sexual com a esposa ou noiva de outro homem”. Por isso pode ser comparada a zānâ, relações heterossexuais ilícitas,

<sup>40</sup> NAUDÉ, J.A. Holiness in the Dead Sea Scrolls. In: *The Dead Sea Scrolls after fifty years*, 2.184 Apud. HARRINGTON, p. 129.

<sup>41</sup> Cf. SHEMESH & WERMAN, p. 122.

<sup>42</sup> זָנָהּ - cometer corrupção, prostituição, impudícia, idolatria; freqüentemente cometer prostituição espiritual ou idolatria. Neste caso, Ez 16:34 ilustra o sentido mais comum dessa expressão: Jerusalém prostituída diante outras nações (egípcios e assírios) e ídolos feitos de ouro e prata. O profeta destaca que a prostituição de Jerusalém não se compara a de uma meretriz, visto que nem mesmo recebe pagamento. Ao contrário, ela mesma é que dá presentes aos seus amantes. Neste sentido, zānâ pode ser entendida como palavra equivalente a זָנָהּ (z’nūnîm), זָנָהּ (z’nūî) e תַּזְנוּת (taznūt), aplicados à idolatria. Cf. DAVIDSON, Benjamin. *The analytical Hebrew and Chaldean lexicon*. Grand Rapids/Michigan: Zondervan Publishing House, 1993, p. 240.

mas não necessariamente em violação à promessa de casamento. A importância dessa raiz supera as aparências, visto que, no sétimo mandamento, ela constitui elemento básico da lei social e revela aspectos da religiosidade de Israel: o cumprimento do sétimo mandamento requer pureza sexual (Ex 20:14). A Lei, portanto, entende o adultério como crime odioso contra Deus, homem e sociedade: uma violação do contrato matrimonial diante de Deus, que o desonra e coloca o homem acima da orientação divina (Gn 2:24). Trata-se de um ato de rebeldia e infração.<sup>43</sup>

Quanto às expressões זְנוּנִים (*z<sup>e</sup>nûnîm*), זְנוּת (*z<sup>e</sup>nût*) e תְּזַנּוּת (*taznût*), a fornicação aqui expressa é com frequência aplicada à idolatria<sup>44</sup>. Mas também é entendida como prática abominável, talvez tão detestável quanto a homossexualidade e o contato com pessoas impuras. Tais referências não admitem o contato dos qumrânicos com indivíduos “de fora”.

Com Harrington chegamos à conclusão de que os sectários de Qumran tentaram viver num alto nível de observância religiosa, a fim de que a divina santidade os favorecesse. A obediência às leis da Torá possibilitava a ligação dos qumrânicos com a divina santidade. É provável que almejassem estabelecer conexão fechada com Deus.<sup>45</sup>

#### **4.5. O encerramento: 4Q398 Frag. 2 col I.**

À semelhança de uma carta neotestamentária, os autores de 4QMMT, neste fragmento, empregam um discurso de despedida. Eles apelam para a lembrança dos antepassados, especialmente Davi, e reafirmam que escreveram os preceitos da Torá com a finalidade de orientá-los quanto ao caminho do bem. Há também uma exortação para que os membros de Qumran sigam os conselhos e se afastem das maquinações de Belial, o grande opositor. Finalmente, se caso os preceitos forem seguidos, há a promessa de que os membros de Qumran se alegrarão, pois tudo de bom e de reto que tiverem efetuado lhes será imputado por justiça e essa benção recairá individualmente e sobre todo Israel.

Esta passagem reafirma que a ética dos membros de Qumran projetava expectativas para todo o grupo e não apenas individualmente. Cada preceito cumprido no dia-a-dia somava um conjunto de ações e relações sociais que forjava a garantia de equilíbrio e coesão social. Deste modo, as noções sectárias dos membros de Qumran que são promulgadas na carta haláquica

<sup>43</sup> BROWN, Francis; DRIVER, S. R. & BRIGGS, Charles A. *Hebrew-Aramaic and English lexicon of the Old Testament*, 1906. Baseado em Gesenius, WILHELM. *Lexicon Manuale Hebraicum et Chaldaicum in V. T. Libros*, 1833. Edição eletrônica. Copyright © 2001.

<sup>44</sup> Idem, pp. 240-241.

<sup>45</sup> Cf. HARRINGTON, pp. 134-135.

surgem do campo simbólico, mas possuem implicações no âmbito sócio-político. Tal conclusão é amparada pela pesquisa de Peristiany, segundo a qual as comunidades antigas do Mediterrâneo construíam seus sistemas de organização pautados em códigos de honra e vergonha que regulavam seus comportamentos<sup>46</sup>.

#### 4.6. A questão do comportamento sectário

De certo modo, pode-se dizer que é um lugar comum para os estudiosos que Qumran fosse formado por celibatários ou pessoas que praticassem a abstinência. Para April DeConick, por exemplo, é provável que membros de Qumran praticassem a ascensão aos céus e, entre um ritual e outro, a abstinência seria um elemento importante para a elevação espiritual<sup>47</sup>. Para pesquisadores conhecidos como D. Flusser e J. Fitzmyer<sup>48</sup>, tanto quanto as origens de Qumran são essênias, o comportamento desse grupo era sectarista<sup>49</sup>.

A partir deste pressuposto, práticas relacionadas à abstinência sexual e ao celibato, que posteriormente aparecerão entre cristãos e gnósticos, são atribuídas ao judaísmo e verificadas como peculiares em Qumran. O próprio Schiffman afirma que “muitos motivos, conceitos e expressões encontrados no cristianismo primitivo têm seus antecedentes no judaísmo das seitas do período do Segundo Templo, conforme aparecem nos textos de Qumran”. Para ele, se houver o desconto do comportamento sectário apresentado nos manuscritos, pode-se conjecturar que os textos de Qumran contribuíram para a pré-história do cristianismo<sup>50</sup>.

Entretanto, o próprio editor crítico do 4QMMT nos surpreende ao polemizar o sectarismo de Qumran e os relatos de Josefo sobre práticas celibatárias desse grupo. Strugnell propõe que as passagens 4Q46 [Cf. 1 Tess 4:4] e 4QMMT apontam à prática de casamento e vida sexual.

A primeira referência se refere a um tipo de casamento sábio e sustenta relações com pai, mãe e esposa, de acordo com uma exegese de Ex 10:12 (sobre honrar essas pessoas para que os dias sejam prolongados sobre a terra). Entretanto, o autor não afirma a prática de casamento pelo grupo de Qumran, pois o texto 4Q415 se encarrega de tornar clara a característica sectária

---

<sup>46</sup> Cf. PERISTIANY, J. G. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Guilbenkian, 1988, pp. 5-6.

<sup>47</sup> DE CONICK, April D. *Seek to see him: ascent and vision mysticism in the Gospel of Thomas*. Leiden/New York: Brill, 1996, 211p.

<sup>48</sup> FITZMYER, Joseph. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1997, 191p; FLUSSER, David. *O judaísmo e as origens do cristianismo: os Manuscritos do Mar Morto*. Vol 1. Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Imago, 2000, 252p.

<sup>49</sup> Seria um modo de vida caracterizado pela ascese, abstinência sexual, não casamento, restrições, proibições quanto ao consumo de carne e vinho, além do ideal de pobreza voluntária.

<sup>50</sup> Cf. SCHIFFMAN, p. 49.

de tal grupo. Por outro lado, diz Strugnell, o 4QMMT dedica-se à descrição de “regulações” para contatos sexuais entre os filhos de Aarão e os israelistas, tradicionalmente considerados impuros. Desta assertiva decorre a dedução de que havia contatos sexuais e uniões por meio de casamento. Talvez com objetivo de preservação do grupo.

Strugnell conclui que 4QMMT versa sobre pureza e se dedica a vários tópicos, não somente à regulação sexual. Mesmo que não se saiba a datação exata desse material, não se trata de um documento sistemático sobre a ética matrimonial ou celibato. Isto significa que a carta haláquica é mais do que uma seção de material legal. Este documento trata de rituais de pureza como cultos com sacrifício, a pureza do Templo, dízimo, carne de animais degolados, privilégios sacerdotais.

A principal intenção deste trabalho é a pureza em geral. Não há interesse sobre “qualquer área especial de legislação de pureza”. Para Strugnell, o 4QMMT não sustenta a presença de celibato em Qumran. O autor encerra dizendo que se Fílon e Josefo não idealizaram o celibato dos essênios, isso pode ser explicado por um “desvirtuamento” da imagem dos essênios para os leitores gregos a partir de traços extraídos de grupos religiosos-ascéticos. Como etnógrafos, eles interpretaram como prática geral de celibato algumas das restrições de pureza judaicas sobre o casamento, mencionadas no 4QMMT<sup>51</sup>.

Se por um lado essa discussão ameniza a perspectiva do celibato radical em Qumran, por outro, ela fortalece o postulado de uma comunidade em que se dividiam aqueles que reproduziriam dentro dos rigores da Lei, e aqueles que se dedicariam apenas à abstinência sexual como meio de adquirir maior nível de espiritualidade. O que deve ser mais notado, todavia, é que os assuntos de pureza ritual em 4QMMT visavam a regular mais do que a vida religiosa dos membros de Qumran. Por isso, o celibato não seria uma questão central. De fato, se celibatários ou não, os qumrânicos estavam dispostos a seguir os preceitos da Lei severamente, em função de uma autoconsciência religiosa e social radical que procurava se distanciar dos sacerdotes corrompidos pela fornicação com “os de fora”, a saber, líderes asmoneus e seus partidários no judaísmo.

---

<sup>51</sup> Cf. STRUGNELL, John. More on wives and marriage in the Dead Sea Scrolls: (4Q46 ii 21 [Cf. 1 Tess 4:4] and 4QMMT § B). In: *Revue de Qumran* 17.65-68, 1996, pp. 546-547.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece que, longe de ser documento de caráter apenas moral, as pretensões do 4QMMT vão muito além. Isto é, os autores retomam a tradição da Lei com provável intenção de mantê-la como fundante, mas reforçam seu potencial delimitador. 4QMMT serve à configuração de limites e fronteiras que são importantes marcadores da identidade religiosa e social do grupo de Qumran. As prescrições da carta haláquica permitem (1) autoconsciência e (2) diferenciação. Esta assertiva se ampara na leitura dos fragmentos 4Q396, 4Q397 e 4Q398, que versam a respeito da proibição, da “não-mistura” com pessoas, matérias ou espécies em estado de impureza. Para encerrar, os autores revelam que aqueles que seguirem essas prescrições serão perdoados e se alegrarão no final.

Neste sentido, entende-se que as regulações do 4QMMT serviam à organização do cotidiano do grupo, assim como às ações e relações sociais. As noções contrastivas de puro e impuro estariam relacionadas à disciplina do corpo e à delimitação de parâmetros para a vida em comunidade. Deste modo, as regras expressas no material de 4QMMT quanto à regulação sexual não possuíam exclusivo cunho moral. A regulação social é a regulação do corpo e pode ser entendida em dois níveis: (a) o nível do indivíduo que deve ser puro diante de Deus e (b) o nível da nação que deve ser igualmente fiel a Deus.

A noção de contaminação configurava a fronteira que delimitava quais ações e relações sociais eram aceitáveis para o grupo. Tal noção também estabelecia como o comportamento do grupo deveria corresponder às exigências da Lei e diferenciá-lo das outras nações – os opositores “de fora”. O oposto da contaminação é a integridade, e ser íntegro é ser completamente santo. 4QMMT também contribui para certo sentimento de pertença, pois valores, crenças e hábitos compartilhados são indicadores de solidariedade e coesão social. Este estado estava condicionado à separação e à integridade. Assim como Javé é santo, Israel deve ser igualmente santo: “Portanto santificai-vos, e sede santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus” (Cf. Lv 11:44; Lv 20:7).

Esta chave de leitura, portanto, permite-nos visualizar 4QMMT como carta que apresenta regulações que articulam religiosidade e identidade social. Para além de uma disciplina do corpo que impõe regras e regula o sexo – fundando uma sociedade sectária e celibatária –, 4QMMT se importa com a integridade espiritual e material dos membros do grupo de Qumran. Assim, o tema da não-mistura se desmembra em religioso e social, e as expressões *fornicação, prostituir, adultério e idolatria* são colocadas no mesmo nível de importância. Os autores

de 4QMMT as utilizam para expressar como a mistura com outra cultura e seus complexos simbólicos representa a traição dos valores, crenças e hábitos da religião judaica. A relação de Javé com seu povo é visceral. A integridade é verificada no corpo. Por outro lado, essa leitura não encerra a complexidade simbólica dos fragmentos de 4QMMT. Como foi dito, a carta haláquica é composta também de certa revelação escatológica para aqueles que seguirem suas prescrições. Portanto, ainda há o elemento mágico a ser investigado numa próxima oportunidade.

## BIBLIOGRAFIA

BROWN, Francis; DRIVER, S. R. & BRIGGS, Charles A. *Hebrew-Aramaic and English lexicon of the Old Testament*, 1906. Baseado em WILHELM, Gesenius. *Lexicon Manuale Hebraicum et Chaldaicum in V. T. Libros*, 1833. Edição eletrônica. Copyright © 2001.

COLLINS, J. J. Apocalypse: the morphology of a genre. In: *Semeia* 14, 1979.

DAVIDSON, Benjamin. *The analytical Hebrew and Chaldee lexicon*. Grand Rapids/Michingan: Zondervan Publishing House, 1993.

DE CONICK, April D. *Seek to see him: ascent and vision mysticism in the Gospel of Thomas*. Leiden/New York: Brill, 1996.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1966.

FITZMYER, Joseph. *101 perguntas sobre os Manuscritos do Mar Morto*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1997.

MARTINEZ, Florentino García. *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FLUSSER, David. *O judaísmo e as origens do cristianismo: os Manuscritos do Mar Morto*. Trad. Reinaldo Guarany. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

HARRINGTON, Hannah K. Holiness and law in the Dead Sea Scrolls. In: *Dead Sea Discoveries* 8.2, 2001.

HIMMELFARB, Martha. Sexual relations and purity in the Temple Scroll and the Book of Jubilees. In: *Dead Sea Discoveries* 6.1, 1999.

KAMPEN, John & BERNSTEIN, Moshe J. (eds.). *Reading 4QMMT: new perspectives on Qumran law and history*. Atlanta: Scholars, 1996 (SBL Symposium Series 2).

KLINK III, Edward W. The Gospel community debate: state of the question. In: *Currents in Biblical Research* 3.1, 2004.

KISTER, M. “The Animal Apocalypse” e “Concerning the History of the Essenes” (Hebrew), *Tarbiẕ* 56, 1986.

PERISTIANY, J.G. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Guilbenkian, 1988.

SCHIFFMAN, Lawrence H. As origens saducéias da seita dos manuscritos do Mar Morto. In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto. Uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SHEMESH, Aharon & WERMAN, Cana. Halakhah at Qumran: genre and authority. In: *Dead Sea Discoveries* 10.1, 2003.

STRUGNELL, John. More on wives and marriage in the Dead Sea Scrolls: (4Q46 ii 21 [Cf. 1 Tess 4:4] and 4QMMT § B). In: *Revue de Qumran* 17.65-68, 1996.

ULRICH, Eugene. The non-attestation of tripartite canon in 4QMMT. In: *The Catholic Biblical Quarterly* 65.2, 2003.

VANDERKAM, James C. O Povo dos Manuscritos do Mar Morto: Essênios ou Saduceus? In: SHANKS, Hershel (org.). *Para compreender os Manuscritos do Mar Morto. Uma coletânea de ensaios da Biblical Archaeology Review*. Trad. Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 1993.